



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Rádio e juventude: A experiência no Selo Unicef¹

Nathália Cardoso Maciel²
Yohanna Nogueira Maia³

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Resumo

Este trabalho visa a relatar a experiência da equipe da Central de Produção de Rádio da Universidade de Fortaleza como definidores de critérios e avaliadores dos programas de rádio produzidos por jovens e adolescentes do semi-árido cearense no Projeto *Selo Unicef – Município Aprovado*, edição 2006. A discussão que se apresenta faz referências ao papel do rádio como meio de comunicação, educação, e ao protagonismo juvenil. O texto também discute o caráter pedagógico do processo, posto que a experiência possibilitou a equipe o exercício da auto-avaliação das suas práticas como produtores de programas de rádio.

Palavras-chave

Rádio; Criança; Adolescente; Semi-árido; Unicef

1. Introdução

Este trabalho é resultado da participação da equipe de estagiários da Central de Produção de Rádio da Universidade de Fortaleza no Projeto *Selo Unicef – Município Aprovado*, no ano de 2006. A equipe atuou na definição de critérios de avaliação e realizou a avaliação dos programas de rádio produzidos por crianças e adolescentes do semi-árido cearense., A atividade é uma das exigências do Unicef para que o município possa receber o selo, que será apresentado com mais detalhes em seguida.

As crianças e adolescentes, juntamente com uma equipe responsável, foram orientados pela *ONG Catavento Comunicação e Educação*, a partir da participação em oficinas de rádio, sobre o processo de produção dos programas radiofônicos.

Essa avaliação foi mediada pela experiência, ainda que incipiente, dos

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Universidade de Fortaleza, estudante do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, estagiária da Central de Produção de Rádio da Unifor. Monitora Voluntária da disciplina de Produção Publicitária em Rádio. E-mail: nathcardoso@hotmail.com

³ Universidade de Fortaleza, estudante do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, estagiária da Central de Produção de Rádio da Unifor. E-mail: yohanna.maia@gmail.com



estagiários da Central de Rádio, como estudiosos e produtores de conteúdo radiofônico, e se mostrou, ao longo do processo, um desafio permeado pelas questões inter-regionais e culturais existentes entre os jovens da cidade e do interior.

2. O Selo Unicef

No século XX, quando a sociedade brasileira começa a demonstrar mudanças na estrutura familiar, em meio a muitas transformações “a criança aparece como preocupação e se transforma em objeto da ação pública que sempre esteve presente nas ações do Estado” (Nunes, 2003). Em 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, essa preocupação passou a contar com um considerável espaço dentro das questões sociais, tendo gerado ações tanto por parte do Estado quanto de ONG’s e até mesmo da mídia de maneira geral. A criança e o adolescente passam a ser vistos não mais como miniaturas de adultos (Postman, 1999) mas indivíduos em uma fase especial de desenvolvimento que requerem cuidado e atenção diferenciada por parte do Estado e da sociedade.

O Unicef⁴, sendo um órgão internacional, configura-se como uma das principais instituições seguidoras dessa linha, desenvolvendo projetos e ações em favor dos direitos e deveres da criança e do adolescente. Exemplo disso é o projeto *Selo Unicef – Município Aprovado*, criado no Brasil em 1999, “um reconhecimento internacional que o município pode conquistar pelo resultado dos seus esforços na melhoria da qualidade de vida de Crianças e Adolescentes”⁵. O projeto teve suas primeiras edições abrangendo apenas o estado do Ceará (2000, 2002 e 2004), mas em 2006 expandiu-se para a participação de outros municípios de 10 estados brasileiros situados na região do semi-árido (AL, BA, ES, MA, MG, PB, PE, PI, RN e SE), e no Ceará essa edição totalizou 134 municípios inscritos. Os objetivos do projeto concentram-se em impulsionar, a nível municipal e estadual, a ação dos governantes pela melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes, em um compromisso com a construção da cidadania e através da mobilização social.

Dessa maneira, o projeto é dividido em três eixos de avaliação sobre os quais os municípios devem atingir uma média mínima para receber o Selo: Impacto Social, Gestão de Políticas Públicas e Mobilização (Participação) Social, tendo este último sido

⁴ Fundo das Nações Unidas para a Infância.

⁵ Disponível em: <http://www.selounicef.org.br/2006/?op=1&k=1>. Acesso em 15 abr. 2007.



incluído somente a partir da quarta edição. Neste artigo, iremos nos concentrar no eixo da Participação Social, no qual são avaliados quatro aspectos: Participação Política de Adolescentes, Educação Ambiental, Cultura Popular e Comunicação. Em cada eixo, o Unicef estabeleceu critérios, desenvolveu mecanismos de análise e forneceu metodologias nas quais os municípios pudessem se basear.

No que tange à Comunicação, a avaliação dos municípios é feita a partir de duas edições de um programa de rádio — cuja produção é obrigatória para se concorrer ao Selo — que seja feito por crianças e adolescentes abordando os temas de participação social: Participação Política dos Adolescentes, Educação Ambiental e Cultura Popular.

Em relação a isso, é importante salientar um pouco do contexto do rádio no Brasil. A partir dos ideais do professor Roquette Pinto, o rádio no Brasil nasce educativo, mas com uma proposta ainda elitista na medida em que a classe intelectual é quem proveria o conteúdo para os “excluídos”. No entanto, em sua evolução, essa proposta ganhou novos rumos que abordam muito mais o rádio como um veículo de democratização e participação em que o ouvinte também é emissor. São as rádios comunitárias, universitárias, livres e outros projetos em que o educativo passa a ser mais informal, fugindo do modelo de aula, e a proposta dos programas de rádio do *Selo Unicef*, na medida em que permite aos jovens participar da produção, vai de encontro ao que ocorre tradicionalmente e se insere, ainda que indiretamente, no contexto da democratização.

O Unicef, em parceria com a *ONG Catavento Comunicação e Educação*, criou a *Histórias pra gente acordar*, uma cartilha de rádio que tem o intuito de servir como guia dos profissionais e das crianças e adolescentes envolvidos na produção dos programas. Ela é uma “peça de comunicação educativa contextualizada”, com ares de livro infantil, e que conta a história de um grupo de estudantes do semi-árido que descobre um livro falante o qual vai ajudá-los a fazer um programa de rádio. O intuito de uma cartilha como essa, bem trabalhada visualmente, contextualizada e com o conteúdo abordado de forma inusitada, é a de não servir de manual, mas de buscar despertar nas crianças e adolescentes do semi-árido as possibilidades do rádio como um meio de comunicação capaz de dar a eles voz e autonomia para discutir os assuntos que são relevantes e que condizem com suas realidades:

“Daí o Histórias pra Acordar. Mais que uma historinha para se divertir, queremos despertar junto com a meninada do semi-



árido sobre as possibilidades e alternativas de construir seu próprio futuro. De transformarem seus destinos, imaginados traçados desde seu nascimento. E a construção desse futuro através de sua própria expressão, de sua fala, de sua compreensão de mundo. Que se abra a porteira para a criatividade de crianças e adolescentes do semi-árido.”(PATRÍCIO, 2006: 03).

2.1. A Central de Produção de Rádio

2.1.1. O que é a Central de Rádio

A Central de Produção de Rádio da Unifor é uma das centrais que fazem parte do NIC (Núcleo Integrado de Comunicação), onde alunos do curso de Comunicação Social realizam várias atividades em torno do rádio, em que destacamos o grupo de estudos, com produção sistemática de trabalhos de Iniciação Científica e a produção e apresentação, atualmente, de seis programas, sendo três de teor jornalístico e três musicais, na Rádio Unifor. Além disso, os estagiários produzem os *spots* e *jingles* a serem veiculados na programação.

2.1.2. A Central de Produção na definição dos critérios

Na edição de 2006, a idéia do Unicef era realizar uma avaliação diferente da edição anterior — quando consultores, entre os quais a professora Andréa Pinheiro⁶, foram convidados para tal —, agora com um grupo maior de pessoas e que envolvesse estudantes e jovens assim como o grupo que produziu os programas.

Dessa maneira, a Universidade de Fortaleza e o Unicef firmaram convênio a fim de formalizar as atividades a serem realizadas pelos estagiários da Central de Rádio e pela professora que a coordena, os quais desempenhariam a função de avaliadores e, ainda, definiriam os critérios da avaliação.

A tarefa desse grupo, formada por estudantes de Publicidade e Propaganda estagiários da Central de Produção de Rádio, seria definir esses critérios tendo como orientação a própria experiência e todo o conteúdo apresentado na cartilha *Histórias pra gente acordar*. Eis o primeiro desafio: estagiários de uma universidade com pouca experiência em produção de rádio convidados a avaliar trabalhos de crianças e adolescentes em contexto e condições completamente adversos. Compreender como se

⁶ Andréa Pinheiro é jornalista, mestre em Educação (UFC), professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor e coordenadora da Central de Produção de Rádio.



deu essa avaliação e, principalmente, perceber que contribuições se pôde extrair dessa experiência no que diz respeito ao papel do rádio como meio de comunicação, educação e protagonismo juvenil é o que pretendemos a seguir.

3. A Experiência

Há uma diferença incômoda entre ouvir sem compromisso e ouvir para avaliar. Na primeira situação, a audição é mais leve e nos permite apreciar o conteúdo; na segunda, ela é tensa e a primeira atitude é muito mais de um julgamento negativo. A avaliação está presente em toda ação humana, e ela implica em verificar se os resultados esperados de uma atividade foram alcançados ou não. Na posição em que a equipe da Central de Rádio estava, de estudantes universitários e estagiários de uma web-rádio, já com certa experiência, analisando a produção de jovens do semi-árido muitas vezes com acesso precário à educação e com menos condições técnicas, esse julgamento, marcado pela desigualdade inter-regional, veio ainda mais intenso.

Por isso, a Central tinha o desafio de realizar uma avaliação imune aos preconceitos que esta naturalmente carrega. No Ceará, apesar de partilharmos um universo cultural semelhante, este é marcado pela diversidade de realidades presentes nos meios urbano e rural. Essa diversidade se revela, não raro, como foco de preconceito do urbano com o rural, por questões culturais, históricas e sociais e manifestado de diversas formas, principalmente na e pela mídia. Todavia, é preciso ir além dessa visão superficial que coloca o urbano acima do rural; é preciso se colocar no lugar do outro para entender o universo que rodeia cada um e perceber que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983: 79).

Portanto, a posição teoricamente superior que os integrantes da Central poderiam ocupar (sendo universitários e urbanos) em relação às crianças e adolescentes do semi-árido deve ser indeferida. Além disso, mais do que qualidade técnica, locução ou efeitos sonoros, a avaliação teria que levar em conta o objetivo do *Selo Unicef* com os programas de rádio, que é justamente o de melhorar a qualidade de vida desses jovens do semi-árido, instigando o protagonismo através do envolvimento com as questões políticas, sociais e culturais nos municípios.

3.1. Os critérios de avaliação



A experiência em analisar os programas dos municípios que participaram do *Selo Unicef - Município Aprovado*, pelos estagiários da Central de Rádio, foi influenciada de forma intensa pela rotina de pesquisa e estudo sobre rádio e música destes. Os estagiários analisaram os programas com base em critérios anteriormente definidos (juntamente com a equipe do Escritório do Unicef para o Ceará e Rio Grande do Norte), em um período de quatro dias semanais durante dois meses, reunidos na Central de Produção de Rádio da Universidade de Fortaleza, escutando e avaliando os programas de forma coletiva, com a divisão da equipe em três grupos de avaliadores.

Com base nas características do rádio e na proposta do *Selo*, os programas foram avaliados segundo as qualidades informativa e técnica, a participação percebida das crianças e dos adolescentes na produção, a edição e a apresentação dos programas levando em conta a criatividade e, por fim, se os temas abordados tinham ou não relação com a participação social. Cada um desses critérios contou com cinco itens mais específicos, e, no decorrer da avaliação, percebeu-se que muitos deles poderiam ser repensados quanto à sua eficiência e aplicabilidade e aprofundados ou até mesmo acrescentados.

Em meio a tantos programas, 268 no total, vários aspectos puderam ser percebidos, e alguns mais notáveis incitaram reflexões acerca da forma como foram abordados que valem a pena serem apresentadas aqui: a seleção musical, a cultura local e a participação.

- A Seleção Musical

A grande maioria das pessoas liga o rádio para ouvir música. Ela passou a ser um dos grandes chamarizes desse meio principalmente com o advento da TV e o conseqüente surgimento das FM's como estratégia de adaptação e sobrevivência do rádio. Mas, segundo Vigil (2003), o rádio é musical desde seu nascimento, pois o ouvido humano é musical.

Hoje o rádio no Brasil vivencia um período em que as FM's buscam atingir novos segmentos, dentre os quais se destaca o do público jovem, cada vez mais visado. Podem-se apontar várias emissoras cujo foco é voltado exclusivamente para os jovens, a exemplo da pioneira *Jovem Pan*.

O fato é que as FM's, no contexto atual, são essencialmente musicais, e é natural que tantos programas de rádio produzidos pelos jovens do semi-árido no *Selo*



Unicef tenham preenchido boa parte de seu conteúdo com música, tanto pelo caráter sensual que esta tem de envolver o ouvinte e deleitar os sentidos quanto pela tendência natural de seguir modelos já pré-estabelecidos.

A grande questão, porém, está na seleção musical de boa parte dos programas produzidos. Marcadamente influenciada pela grande mídia, a sequência musical dos programas apresentou artistas como a banda *RBD*, que mereceu destaque por ser uma das mais tocadas já que, na época da produção dos programas, era o sucesso do momento.

Ao passo que se pôde perceber uma forte presença de um conteúdo massificado em parte dos programas, outros surpreenderam utilizando músicas que diziam respeito ao tema abordado — embora nem sempre de maneira original, como no caso da música *Terra, planeta água*, de Guilherme Arantes, tocada em vários programas cuja temática era Meio Ambiente —, e até mesmo tocando artistas locais. Cuidados como esses conferiram uma maior harmonia e riqueza ao conteúdo do programa e refletiram o interesse dos jovens em fazer uma produção de qualidade.

No entanto, muitos programas resumiram-se a tocar os sucessos do momento das rádios comerciais, músicas em sua maioria sem qualquer ligação com o contexto dos ouvintes e, portanto, impertinentes dentro da proposta do *Selo Unicef*.

Ferraretto (2001: 41) qualifica a emissora de rádio como sendo uma prestadora de serviços que fornece informações e entretenimento a sua clientela, o público. Sob esse ponto de vista, seria até certo ponto infundado criticar a sequência musical apresentada nesses programas. Contudo, a questão que se pretende colocar aqui é que o excesso dessa massificação exemplificada pela seleção musical dos programas é reflexo de uma realidade em que os jovens são profundamente influenciados pela cultura de massa em sua formação, e isso acaba por enfraquecer as bases de sustentação do protagonismo, já que essas estão intrinsecamente ligadas à força cultural.

- A Cultura Local

Brecht, em suas reflexões sobre a teoria do rádio, enxergava esse meio como um fenômeno a ser utilizado não para ser apenas um veículo de massa, mas uma ferramenta a serviço do povo, da comunidade, voltado para o diálogo com a cultura local. O conteúdo dos programas de rádio avaliados na experiência aqui relatada nos leva a perceber a importância da interação entre o locutor e a realidade do ouvinte.



Realizaram-se entrevistas com pessoas importantes na cultura do município; fatos cotidianos e acontecimentos históricos foram abordados. Durante os programas, as crianças e os adolescentes relataram a realidade local, principalmente as dificuldades do semi-árido, tais como o saneamento básico, a importância da economia de água em várias situações do dia-a-dia, conscientizando os ouvintes da importância dessas ações.

A saúde também foi um tema muito abordado devido a alta taxa de mortalidade infantil, ocasionada pela falta da informação dos pais sobre pré-natal e vacinação das crianças, por exemplo. Todos esses assuntos fazem parte do cotidiano desses municípios e, da forma como são explorados dentro do rádio, são classificados como uma prestação de serviços para a comunidade.

Além desse diálogo de função mais social, temos ainda o diálogo com função cultural, abordado de forma simples, seja ao tocar músicas de um artista local, ao utilizar um linguajar regional, enfim, ao representar os fatos que compõem a cultura, os costumes de uma comunidade. Paulo Freire, ao discorrer sobre a invasão cultural, acaba por ressaltar a importância da cultura para um povo:

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. (FREIRE, 1983: 178).

Portanto, dialogar com a cultura local é também uma forma de perpetuá-la, aperfeiçoá-la e, dessa maneira, expandir-se.

- A Participação

A participação social das crianças e dos adolescentes na vida política de sua cidade é fundamental para que seus direitos sejam reconhecidos. Ela faz com que esses jovens tenham um compromisso com o social e se envolvam com o que está acontecendo na sua cidade, inteirando-se dos problemas que fazem parte dela, e conseqüentemente da vida deles. Por isso o *Selo Unicef* exige que os temas abordados nos programas de rádio tenham relação com a participação social. Mas participação é também conquista, como explica Pedro Demo:

A participação é conquista, para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-se, sempre se fazendo. Assim, participação é em essência autopromoção e existe enquanto conquista processual. Não



existe participação suficiente, nem acabada. A participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir (DEMO, 1988: 18)

A produção dos programas de rádio dá aos jovens autonomia e os possibilita pesquisar e desenvolver métodos para transmitir as informações pertinentes sobre os temas de participação para a população ouvinte. Permite-os, sobretudo, pensar o conteúdo, desde a linguagem mais adequada, a seleção musical, as entrevistas, até os diálogos ou situações que a linguagem radiofônica pode gerar.

O conhecimento transmitido nesses programas corre em duas direções: tanto para quem produz (as crianças e adolescentes) quanto para quem ouve, e se existe a possibilidade de interação, a participação social torna-se, então, presente para todos.

A participação abre espaço para o diálogo com a população, para que temas polêmicos recorrentes sejam abordados pelos próprios sujeitos dos problemas: as crianças e os adolescentes. Dessa maneira, os programas de rádio permitem que, através de uma linguagem apropriada, mais dinâmica, esses jovens fiquem a par das problemáticas sociais não de forma passiva, e sim ativamente, conscientizando também a população, já que o rádio chega facilmente a ela.

É através de ações como o diálogo com a sociedade que um caminho democrático vai sendo traçado. Nesse aspecto, o rádio entra com sua função social. Muitos utilizaram o “tira-dúvidas” em programas sobre cidadania, direitos humanos, fazendo parte ativamente da descoberta de direitos que as crianças e os adolescentes têm, reconhecendo-os, exigindo-os e praticando-os.

Direitos esses como o de ir a escola com uma estrutura adequada tendo uma professora capacitada a lhe ensinar, a saúde, o lazer, entre outros. “É preciso entender o quanto prejudica aos interessados uma postura assistencialista diante da política social. No seu extremo, aparece como favor ou como esmola”.(Demo, 1988: 24).

O critério que pode ser considerado o mais importante, a Participação de Crianças e Adolescentes na Produção, infelizmente deixou a desejar. Em uma das passagens da cartilha *Histórias pra gente acordar*, o personagem Livro-falante faz a seguinte indagação:

“Ora, vocês não dizem que os adultos não ouvem vocês? Que ninguém leva vocês a sério? Que ninguém leva a opinião de vocês em consideração? Que vocês são uns incompreendidos?”
(Patrício, 2006: 13)



Mais adiante, a cartilha expõe como deve ser a participação dos jovens no programa de rádio, em que se pode destacar:

“A participação de crianças e adolescentes deve começar desde a escolha do assunto que o programa vai tratar; [...] A participação de adultos pode ser bem-vinda, desde que participem com uma atitude de colaboração mútua, não de imposição” (Idem, 2006: 21).

Ao passo que houve a valorização da infância na pós-modernidade, o excesso de cuidados gerou na criança uma aura de ingenuidade; cultivou-se a idéia de que os adultos é que sabem das coisas. Esse pensamento se mostrou claramente refletido em diversos programas avaliados. Podemos exemplificar a respeito disso, mencionando algumas abordagens completamente fora da realidade infantil, sem respeito às características da idade dos participantes.

Esse conjunto de fatores deságua exatamente na falta de desenvoltura na apresentação do programa. Houve inclusive casos de utilização de termos técnicos por parte de crianças, cuja leitura ficou evidenciada. Certamente, essas crianças não tomaram frente na produção dos programas e foram submetidas a situações constrangedoras.

A participação política dos jovens é também uma forma de promoção social e intelectual. Desta maneira, a conquista se configura de várias formas no caso desses jovens: conquista do espaço, seja ele físico (estúdios para a gravação e edição dos programas) ou social, na medida em que passam a interagir com a população e com pessoas importantes na sua cidade, sendo reconhecidos na rua quando passam; conquista intelectual, tanto de conscientização quanto de obtenção de conhecimento.

Em vários programas, os apresentadores eram jovens envolvidos nas questões políticas, prefeitos mirins, presidentes do grêmio da escola etc, e quanto maior o envolvimento ativo desses jovens, maior o protagonismo e a autonomia para discorrer sobre o assunto com segurança e de forma consciente.

Para Juan Diaz Bordenave (1985), a prática da participação envolve satisfação de outras necessidades menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas e ainda, a valorização de si mesmo pelos outros.

4. Uma boa experiência que vale a pena ouvir



Tecemos ao longo desse artigo várias críticas a certos aspectos detectados na avaliação dos programas de rádio em questão. Contudo, é válido ressaltar que quantidade significativa das produções apresentou grande qualidade. Optamos por valorizar aquilo que vale a pena ser multiplicado, e não apenas ressaltar o lado negativo das avaliações. Por isso, resolvemos discorrer sobre a experiência de um município que consideramos ser uma das mais produtivas, sem, no entanto, identificá-lo, para evitar qualquer tipo de julgamento ou preconceito por parte desta análise.

Com a temática da água, absolutamente recorrente à realidade do semi-árido, o primeiro aspecto que chama a atenção é a desenvoltura dos apresentadores, que são, felizmente, crianças e adolescentes do município, utilizando na maior parte do tempo uma linguagem adequada ao meio radiofônico e respeitando as características da criança e do adolescente.

O programa apresenta um ritmo harmonioso, com vinhetas e BG's adequados e bem estruturados, que unidos ao bom desempenho dos jovens envolvidos, resultam em um conjunto agradável e que, dessa maneira, consegue chegar ao ouvinte e prender sua atenção para que o conteúdo do programa possa ser assimilado e exercer suas funções educativa, de conscientização e de entretenimento.

Muito além das exigências técnicas fundamentais para uma transmissão sem ruídos, o conteúdo do programa não se contenta apenas em informar por informar, e sim comunicar, fazer da informação não somente educativa, mas uma forma de entretenimento.

Antes de cumprir seu papel educativo, um programa precisa cumprir seu papel comunicativo, pois a comunicação – independentemente dos meios utilizados – é a base sobre a qual se planta a educação. Se a comunicação não for agradável, fluente, prazerosa mesmo, o espaço para que a educação ocorra será muito pobre. E o rádio, por si, já é um meio que traz associado à sua própria natureza a noção de prazer, começando pelo fato de que as pessoas gostam de ouvir rádio (Piovesan, 2004: 48-49).

A noção de rádio educativo que se tem hoje vai muito além do sistema de rádio-aulas. O conceito de educação aqui abrange não só o âmbito tradicional, mas também o cultural e o social.

Exemplos dessa busca por uma informação elaborada e adequada à linguagem radiofônica são os diversos caminhos encontrados pelos produtores do programa em questão para se fazerem compreender. A criação de um personagem fixo que se mete em encrencas, uma radionovela, entrevistas com personalidades locais realizadas por



um repórter que é também personagem do programa e, ainda, dicas gerais, todos contextualizados na realidade local e na temática do programa e expressados na linguagem regional, tornam o conteúdo do programa extremamente atrativo para o público a que ele é destinado e atinge os objetivos propostos pelo *Selo* na medida em que geram o protagonismo juvenil, permitem a conscientização da população através da voz da juventude trazendo os temas de realidade local que incitam a participação social.

Completando a análise do programa, temos uma seleção musical que busca estar em sintonia com a temática do programa e foge da programação das rádios comerciais, chegando a tocar alguns sucessos, mas em versões infantis ou regionais.

Trata-se de um exemplo de que o projeto pode sim atingir bons resultados e utilizar o rádio não só como mero meio de comunicação de massa, mas como um instrumento de mobilização e participação social, vindo contribuir para uma melhoria da realidade das crianças e adolescentes do semi-árido que é fruto do protagonismo, que parte de dentro, e não de fora da comunidade.

Considerações Finais

Sem dúvida, a experiência da Central de Rádio na avaliação dos programas radiofônicos foi muito significativa e uma oportunidade memorável para o crescimento da equipe como estudiosos e produtores do rádio. Foi uma experiência que gerou um processo de conhecimento permeado de várias reflexões acerca da realidade do semi-árido cearense e da função do rádio nesse contexto, assim como dos projetos de educomunicação envolvendo jovens e adolescentes. Como afirmou a coordenadora da Central no relatório final da avaliação dos programas⁷:

Ao proporcionar aos estudantes de Publicidade e Propaganda esta experiência, a Unifor e o Unicef contribuem para a formação de um profissional consciente de seu papel como comunicador social, atento à realidade em que está inserido e capaz de contribuir com as mudanças necessárias para que crianças e adolescentes possam ter um futuro digno. (Pinheiro, 2006).

Outra grande contribuição extraída dessa experiência foi permitir a equipe repensar a própria produção e suas possibilidades, o que de fato acarretou mudanças reais e efetivas quanto à produção e apresentação dos programas da Central de Rádio.

⁷

Relatório de Avaliação dos Programas de Rádio do Selo Unicef - Município Aprovado Edição 2006: relatório feito pela coordenadora da Central de Produção de Rádio da Unifor, a prof^a Andréa Pinheiro, com o depoimento dos integrantes da equipe que participou da avaliação.



Quando se está muito envolvido e familiarizado em um trabalho, é normal acomodar-se em uma produção, digamos, alienada; certos aspectos que poderiam ser melhorados nos passam despercebidos e isso acaba por comprometer a produção.

A escuta de programas de rádio bem elaborados nesse processo de avaliação despertaram a equipe da Central para essa reflexão, principalmente devido às “desigualdades” entre o grupo de avaliadores e o de avaliados. A equipe da Central, estando dentro de uma universidade, com aparatos técnicos e um conhecimento acessível, confrontou-se com programas de qualidade muitas vezes produzidos com dificuldade, em condições de improviso, por jovens da região rural, e isso gerou reflexões no sentido de valorizar mais o processo de pesquisa e os meios dos quais dispomos dentro da universidade, demonstrado no depoimento de um de seus membros, João Melo, ao término da avaliação:

Por fim, posso dizer que participar desse projeto me trouxe bastante experiência na área do rádio, assim como me fez enxergar que para se produzir algo não importam os recursos disponíveis, mas a força de vontade dos envolvidos. (Melo, 2006)

Avaliando a desenvoltura, foi inevitável pensar também a produção dos programas na Central de Rádio. Ao longo da análise, severas críticas foram feitas às locuções sem entonação e aos textos lidos. Contudo, essa também era uma falha da equipe, e a avaliação permitiu que isso fosse percebido pelos próprios integrantes da Central, que utilizavam uma linguagem formal, inadequada para seu público-alvo.

Projetos como esse abraçam causas louváveis e assumem uma missão muitas vezes considerada inoperável, pois, na prática, dependem de diversos fatores. Nesse trabalho de avaliação, pôde-se perceber que ações como essas são completamente possíveis; obviamente, nem sempre os resultados são satisfatórios para todos, mas o ato de plantar essas sementes e de sempre conseguir bons frutos já vale a pena.

O Selo semeia a idéia de que “uma política de radiodifusão se faz com atores sociais” (Cabral, Filho, 2004: 194), incitando o desenvolvimento da juventude brasileira através da exploração do rádio e suas potencialidades como um meio de função social. Ele dá o espaço para que o protagonismo possa ser desenvolvido na produção dos programas de rádio e isso dá às crianças e adolescentes uma nova perspectiva de vida, na medida em que elimina, ou pelo menos tenta eliminar, a idéia de pobreza irreduzível (Nunes, 2003: 150), ou seja, a idéia de que esse jovens são incapacitados de inserir-se



como cidadãos em virtude de lacunas como educação, saúde etc. Tatiana Castro Mota, uma das avaliadoras, ressalta essa discussão::

(...) o selo Unicef vai além de um título concedido a um município, ele é um ponto de partida para uma reflexão sobre a importância da inclusão de políticas públicas para crianças e adolescentes (Mota, 2006).

No fim, o aprendizado gerado pela avaliação foi além das expectativas, não apenas enriquecendo nosso conhecimento acerca do rádio, mas das várias realidades e aspectos que rodeiam a utilização desse meio como instrumento de mobilização e participação social.

Referências bibliográficas

BLOIS, Marlene M. Rádio educativo: uma escola de vida e de cidadania. *In: Rádio: sintonia do futuro.* p. 147-176. org. André Barbosa Filho, Angelo Piovesan, Rosana Beneton. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRECHT, Bertolt. *Teoria do rádio (1927-1932).* *In: Teorias do Rádio: textos e contextos.* v. 1. p. 35-60. org. Eduardo Meditsch. DF: Insular, 2005.

CABRAL, Eula Dantas Taveira; FILHO, Adilson Vaz Cabral. *Que onda é essa? Por uma política de radiodifusão que se pretenda democrática no Brasil.* *In: Rádio: sintonia do futuro.* p. 177-200. org. André Barbosa Filho, Angelo Piovesan, Rosana Beneton. São Paulo: Paulinas, 2004.

DEMO, Pedro. *Participação é conquista: noções de política social participativa.* São Paulo: Cortez, 1988.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica.* ed. 2. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* ed. 16. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

NUNES, Brasilmar Ferreira. *Sociedade e infância no Brasil.* DF: Universidade de Brasília, 2003.



PATRÍCIO, Edgard. *Histórias pra gente acordar: guia de orientação para a produção de programas de rádio com crianças e adolescentes no contexto do semi-árido*. Fortaleza: ONG Catavento Comunicação e Unicef, 2006.

PIOVESAN, Angelo. *Rádio e educação: uma integração prazerosa*. In: *Rádio: sintonia do futuro*. p. 35-50. org. André Barbosa Filho, Angelo Piovesan, Rosana Beneton. São Paulo: Paulinas, 2004.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. *Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna*. In: *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. p. 9-52. org. Shirley R. Steinberg e Joe L. Kincheloe. Trad. George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VIGIL, José Inácio Lopez. *Manual dos Radialistas Apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2003.